

Neologismos verbais em português

Carla Cristina Almeida Coelho

Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Águeda – Universidade de Aveiro

0. Objecto e objectivos

São, actualmente, muito comuns, entre falantes de língua portuguesa, os neologismos de importação, sobretudo os de origem anglófona. Atentos a este fenómeno, os dicionários de português, sobretudo os mais recentes, de que o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (DHLP) é um bom exemplo – e, como tal, seguido na elaboração deste trabalho –, não se esquivam ao registo destas novas palavras, que entram, assim, para o *thesaurus* da nossa língua.

Uma vez que estes termos vêm, sobretudo, preencher lacunas criadas pelo surgimento de realidades até então desconhecidas pela língua portuguesa, e que estas dizem respeito a objectos, conceitos, noções, os neologismos de importação integram-se, predominantemente, no paradigma dos nomes.

Assim, com grafia e indicação fonética aportuguesada ou não, é natural encontrarmos, nos dicionários mais recentes, palavras como *mainserver*, *matherboard*, *software*, *Internet*, *browser*, entre muitas outras.

A par destas, mas em muito menor número, aparecem alguns verbos cuja base é também ela importada. Desta forma, verbos como *checar*, *clicar*, *deletar*, *standardizar*, *scannerizar* ou *stressar* surgem já como fazendo parte do léxico do português. Outras formas, tais como *franchisar*, *scanar*, *speedar*, *sprintar*, ou *sticar*, apesar de ainda não surgirem dicionarizadas, como as anteriores, vão já fazendo parte do vocabulário que, de forma mais ou menos pontual, vamos utilizando. De umas e de outras me ocuparei, tendo como objectivo a análise do processo de formação destas unidades, socorrendo-me, para tal, do quadro de formação de verbos disponível em português.

Constata-se que o esquema de formação de verbos com maior vitalidade em português é aquele que parte de bases nominais (e adjectivais, mas em menor número) com as quais se formam verbos sem a adunção de qualquer elemento de carácter afixal – prefixos, sufixos e circunfixos – formalmente identificável, o que se verifica, por exemplo, nas formas *açucarar*, *peneirar*, ou *faiscar*. Os verbos analisados neste trabalho não constituem excepção e, por este motivo, os exemplos apresentados seguem este esquema genollexical, sendo introduzidos pontualmente casos de verbos com outros esquemas.

Desta forma, a análise que apresentarei será feita em cinco etapas distintas: (i) num primeiro momento, farei uma análise das palavras que estão na base dos novos produtos, análise essa feita sob o ponto de vista morfo-sintáctico e semântico; (ii) de seguida, procederei à observação das estruturas semântico-argumentais que os novos produtos

prevêem; (iii) numa terceira fase, terei em conta as regras de formação de palavras que presidem à constituição destas novas formas; (iv) num quarto momento, procurarei analisar alguns usos que os falantes fazem das mesmas; (v) finalmente, estabelecerei uma relação entre estas novas unidades e aquelas que partem de bases portuguesas.

Ao longo do trabalho, não terei em conta preocupações de natureza gráfica, uma vez que, mesmo com as unidades que já se encontram perfeitamente integradas no léxico do português, poderá verificar-se oscilações de grafia, entre a forma original e a(s) aportuguesada(s), muitas vezes indicadas pelos próprios dicionários.¹

1. Classes morfo-sintáticas e semânticas das bases

1.1. Classes morfo-sintáticas

Segundo o DHLP, os verbos com base importada surgem no português por duas vias distintas: por um lado, o neologismo é já um verbo na língua de origem, que passa, posteriormente, por uma adaptação às regras morfofonológicas do português, nomeadamente através da terminação que o inclui no paradigma verbal; por outro, a base é um nome importado que, depois de integrado no léxico do português, passa por um processo genolexical com o objectivo de se formar um novo verbo.²

No quadro 1, encontramos exemplos de ambos os casos. Quando a categoria de base é um verbo (V), assistimos a uma importação da forma verbal e a uma adaptação às regras do português; quando é um nome (N), o processo genolexical terá tido lugar em português, a partir de um radical nominal importado de uma língua estrangeira, mas já reconhecido como fazendo parte do léxico do português e, portanto, numa fase posterior à da integração do novo termo.

NEOLOGISMO VERBAL	BASE	
	FORMA DE BASE	CATEGORIA
<i>acessar</i> (PB)	<i>to access</i>	V
<i>checar</i>	<i>to check</i>	V
<i>clicar</i>	<i>to click</i>	V
<i>deletar</i>	<i>to delete</i>	V
<i>estandardizar</i>	<i>to standardize</i>	V
<i>scanerizar</i>	<i>scâner</i>	N
<i>snifar</i>	<i>to sniff</i>	V
<i>stressar</i>	<i>stress</i>	N
<i>surfear</i>	<i>surfe</i>	N

Quadro 1: Origem de alguns neologismos verbais, segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*

¹ Freitas, Ramilo e Soalheiro (2003:382), relativamente aos estrangeirismos integrados em português, consideram que «em termos de grafia, as palavras que se encontram nesta fase [de integração] tendem a apresentar uma atestação lexicográfica normativizada.» Contudo, ressalvam que «este não é um critério fiável, por não estar associado a factores puramente linguísticos. É possível que uma palavra esteja totalmente integrada do ponto de vista fonológico e morfológico, continuando a manter generalizada a grafia da língua de partida.» (*idem, ibidem*).

² Freitas, Ramilo e Soalheiro (2003:382) consideram três fases no processo de integração dos estrangeirismos no português europeu, sendo que uma das propriedades da 3.ª fase, a da integração no léxico, é a da integração no sistema morfológico, permitindo a possibilidade de derivação.

Ao analisarmos o Quadro 1, verificamos, contudo, que parece não haver critérios coerentes para se considerar que um dado verbo foi formado ou apenas formatado em português. Como justificar, por exemplo, que *clicar* e *stressar* apresentem tratamentos diversos, sendo o primeiro directamente importado e o segundo formado em português, a partir do nome *stresse*? Como explicar que *clique* não tenha dado origem a *clicar* – à semelhança do que se terá passado com *stresse* e *stressar* – e que na base deste esteja a forma verbal inglesa *to click*?

Pela análise deste tipo de formas verbais, parece mais correcto considerar que surgem em português verbos importados que, não tendo uma base nominal correspondente, da qual possamos partir, sofrem apenas um processo de aportuguesamento. Na minha perspectiva, é aquilo que acontece com os verbos *checar*, *assemblar*, *atachar*, *haquear*, entre outros, eventualmente. Com efeito, ainda que importado do inglês ou de outras línguas, não conheço nenhum radical nominal ou adjectival que apresente as formas [chec], [assembl], [atach], [haqu], que depois possa, eventualmente, ser reanalisado como um radical nominal típico do português, disponível para a formação de verbos. Assim, penso que este tipo de verbos terá de ser considerado um grupo à parte, não como potencialmente formados em português, mas antes como formatados nesta língua. São estes os casos apresentados no Quadro 2.

NEOLOGISMO VERBAL	BASE	
	FORMA DE BASE	CATEGORIA
<i>assemblar</i>	<i>to assemble (ing.)/ assembler (fr.)</i>	V
<i>atachar</i>	<i>to attach</i>	V
<i>checar</i>	<i>to check</i>	V
<i>haquear</i>	<i>to hack</i>	V

Quadro 2: Verbos formatados em português

Paralelamente, a possibilidade de reanálise das formas importadas enquanto radicais nominais típicos do português já é possível com os nomes que estão na base dos verbos *clicar*, *faxar*, *flartar*, *scanar*, *scanerizar*, *stressar*, *surfear*, *cracar*, *crashar*, *flipar*, *franchisar*, *speedar*, *sprintar* e *sticar*, que são, respectivamente, *clique*, *fax*, *flarte*, *scan*, *scaner*, *stress*, *surf*, *crack*, *crash*, *flip*, *franchise*, *speed*, *sprint* e *stick*, todos eles, com maior ou menor frequência, num âmbito mais lato ou mais restrito, actualizados em português. Penso que não deve ser posta de parte a possibilidade de alguns destes verbos não terem, efectivamente, sido importados directamente de outras línguas, uma vez que, reconheço, por vezes, seja muito difícil determinar se foi o verbo ou o nome – ou ambos – que foram objecto de importação. Ainda assim, parece-me mais prudente considerar que, existindo em português uma forma nominal e outra verbal, o processo genolexical (também) tenha tido lugar nesta língua. Mesmo que tenham sido formados na língua de origem, o processo de formação destes verbos é passível de ser reanalisado em português, tanto mais que em ambas as línguas o processo será homólogo.

Assim, em termos efectivos de processo genolexical, quanto às formas de base, considerarei apenas os verbos passíveis de serem analisados como formados em português, exemplificados no Quadro 3.

NEOLOGISMO VERBAL	BASE	
	FORMA DE BASE	CATEGORIA
<i>clicar</i>	<i>clique</i>	N
<i>cracar</i>	<i>crack</i>	N
<i>crashar</i>	<i>crash</i>	N
<i>estandardizar</i>	<i>estândar</i>	A
<i>faxar</i>	<i>faxe</i>	N
<i>flartar</i>	<i>flarte</i>	N
<i>flipar</i>	<i>flip</i>	N
<i>franchisar</i>	<i>franchise</i>	N
<i>scanar</i>	<i>scan</i>	N
<i>scanerizar</i>	<i>scâner</i>	N
<i>speedar</i>	<i>speed</i>	N
<i>sprintar</i>	<i>sprint</i>	N
<i>sticar</i>	<i>stick</i>	N
<i>stressar</i>	<i>stresse</i>	N
<i>surfear</i>	<i>surfe</i>	N

Quadro 3: Verbos passíveis de serem analisados como formados em português

Em suma, verifica-se que, como classes morfo-sintáticas das bases de neologismos verbais, encontramos, predominantemente, radicais nominais e, com menor frequência, radicais adjectivais, de que *standard/estândar*, que se encontra na base de *estandardizar*, é um exemplo.

1.2. Classes semânticas das bases

Relativamente às classes semânticas das bases, a classificação apresentada baseia-se nas propriedades, intrínsecas ou culturais, dos nomes ou adjectivos importados que estão na base de um novo verbo do português.

Como referi na introdução, a importação de termos advém, com frequência, do facto de estarmos constantemente perante novas realidades para as quais não temos, ainda, uma designação. Essas realidades passam, sobretudo, por novos objectos, novas acções e, eventualmente, novas propriedades.

Assim, perante os verbos analisados e as respectivas bases, verifica-se que a classe semântica destas é, predominantemente, a de nomes de acção: um *flarte*; um *scan*; o *surf*; um *crack*; um *crash*; um *flip*; um *franchise*; um *print*; um *speed*; um *sprint*.

Além desta, as bases podem apresentar ainda as seguintes classes semânticas: nomes de instrumento – *scaner*, *fax*; *stick* –; nomes de propriedade – *standard* –; nomes compactos – *stress* –; e onomatopeias – *snif*, que se encontra na base do verbo *snifar*.

2. Estrutura semântico-argumental dos neologismos verbais

2.1. Estrutura argumental

A estrutura argumental de um verbo baseia-se no princípio de que a significação lexical de uma unidade verbal pressupõe um determinado número de lugares vazios/argumentos, que podem ou não ser preenchidos aquando da sua inserção num enunciado. A estrutura argumental comporta, assim, aquilo a que, habitualmente, se designa por funções sintácticas, por um lado e, por outro, as relações de natureza semântica que se estabelecem entre o verbo e os diferentes argumentos que o envolvem, que a gramática designa por papéis semânticos ou temáticos.³ A separação entre as primeiras e os segundos é pertinente na medida em que a uma determinada função sintáctica podem corresponder diferentes papéis temáticos, consoante o contexto linguístico em que o verbo ocorre.

Desta forma, é habitual considerar-se a existência de verbos de zero, um, dois e três argumentos.

No conjunto dos verbos analisados, não foi encontrado nenhum de zero argumentos, o que se justifica pelo facto de estes se circunscreverem de forma quase exclusiva aos chamados ‘verbos meteorológicos’.⁴

Em relação aos verbos de um argumento, este desempenha sempre a função sintáctica de sujeito, o qual pode ter o papel semântico de Agente ou de Fonte, como se verifica nos exemplos que, de seguida, se apresentam:

- (1) [O António]_{Agente} *clica* frequentemente neste link.
- (2) [A Maria]_{Agente} *surfa* sobretudo no Inverno.
- (3) [O computador]_{Fonte} *crashou*.
- (4) [A máquina]_{Fonte} *flipou*.

Quanto aos verbos de dois argumentos, estes desempenham as funções sintácticas de sujeito – à qual pode corresponder o papel temático de Agente, sendo também possível o de Fonte – e de complemento directo, preenchido predominantemente pelo papel de Tema. É isso que se verifica nos enunciados que, de seguida, se apresentam.

- (5) [O técnico de informática]_{Agente} *assemblou* mal [os componentes do computador]_{Tema}
- (6) [O agente da Polícia]_{Agente} *checou* [a informação dada pelo detido]_{Tema}
- (7) [Os utilizadores de Internet]_{Agente} *cracam* [muitos programas]_{Tema}
- (8) [A aplicação informática]_{Fonte} *crashou* [o computador]_{Tema}
- (9) Inadvertidamente, [o utilizador]_{Agente} *deletou* [um registo importante]_{Tema}

³ Segue-se a perspectiva apresentada em Mateus, Brito, Duarte e Faria (2003:185-190).

⁴ Cf. Mateus, Brito, Duarte e Faria (2003:185) e Coelho (2003:79,89).

- (10) [As repartições públicas]_{Agente} *estandardizaram* [os documentos a serem entregues pelos utentes]_{Tema}
- (11) [Uns piratas informáticos]_{Agente} *haquearam* [um número significativo de computadores]_{Tema}
- (12) [A Joana]_{Agente} *scanou/scaneou/scanerizou* [dois mapas]_{Tema}
- (13) [O trânsito]_{Fonte} *stressa* [o João]_{Alvo}

Relativamente aos verbos de três argumentos, estes compreendem as funções sintácticas de sujeito, complemento directo e complemento indirecto, a que correspondem os papéis temáticos de Agente, Tema e Alvo, respectivamente, como se poderá constatar pelos exemplos que, de seguida, são apresentados.

- (14) [O professor]_{Agente} *atachou* [uma ficha]_{Tema} [ao e-mail que enviou aos alunos]_{Alvo}
- (15) [A Maria]_{Agente} *e-mailou* [três documentos]_{Tema} [ao João]_{Alvo}
- (16) [A McDonald's]_{Agente} *franchisou* recentemente [três lojas]_{Tema} [ao seu melhor cliente português]_{Alvo}

Pelos enunciados apresentados, poderemos verificar que os neologismos verbais com base importada seguem a estrutura argumental dos restantes verbos com base em radicais do português.

2.2. Classes semântico-argumentais dos neologismos verbais

Em termos semântico-argumentais, os novos verbos designam, genericamente, uma mudança de estado, operada na entidade afectada através do nome incorporado pelo novo elemento verbal.

Numa primeira observação, a ausência formal de um elemento de carácter afixal no processo de formação da maioria dos verbos em análise faria com que as restrições em termos semântico-pragmáticos não fossem muitas e que, por isso, um mesmo verbo pudesse ter cambiantes de significação diferentes consoante os diferentes contextos em que surgisse.⁵ É isso que se verifica com os verbos formados em português sem a presença de um elemento afixal formalmente identificável (Coelho, 2003:94-101).

Contudo, os casos que tenho vindo a analisar, embora a esmagadora maioria não comporte esse elemento afixal, têm inerente um aspecto que reduz o leque de significações que estes verbos poderiam comportar. Como já referi anteriormente, a maior parte das bases designam nomes de acção – *um clique, um scan, um print, um flarte, um sprint* –, parafraseáveis por “fazer Nb”. Como tal, verbos como *clicar,*

⁵ Essas cambiantes de sentido, no caso dos verbos formados a partir de radicais nominais e adjectivais típicos do português não se devem exclusivamente à ausência formal de um afixo, mas também às propriedades semânticas das bases. Por exemplo, o verbo *carimbar*, numa frase como *O funcionário carimbou vinte documentos*, poderá ser interpretado como um verbo instrumental ou como ornativo, dependendo se encaramos o nome *carimbo* como objecto ou como resultado de uma acção (Coelho, 2003:95-96).

deletar, flartar, scanar, surfar, crashar, flipar, franchisar, speedar, sprintar deverão ser, predominantemente, classificados como verbos causativos de mudança de estado.

Para além de verbos causativos, temos também verbos instrumentais, quando na base existe um nome de instrumento. Serão classificados como verbos instrumentais *scanerizar, faxar e sticar*, verificando-se que estes existem em muito menor número do que os anteriores.

3. Regras de Formação de Palavras dos novos verbos

Relativamente às Regras de Formação de Palavras (RFP) que presidem à construção destas novas formas verbais, verifica-se que, também à semelhança dos restantes verbos que em português seguem este esquema genolexical, elas são duas:

1. por um lado, a RFP MUDANÇA, uma vez que temos como produto verbos que implicam uma mudança de estado, desencadeada pela acção do nome contido no novo verbo (Rio-Torto, 1998a:116). Esta é, aliás, a regra que preside à maior parte da formação de verbos denominais e deadjectivais do português (Rio-Torto, 1998a:120-122 e Coelho, 2003:106-110).

Os verbos que designam mudança de estado são, habitualmente, parafraseáveis por “tomar(-se) Xb”, “causar Xb”, “fazer Nb”, “ter Nb”, entre outros possíveis, podendo também a transferência locativa ser considerada como uma eventual manifestação de mudança de estado.

Vejamos alguns casos:

- “tomar(-se) Xb”: *standardizar*;
- “causar Xb”: *stressar*;
- “fazer Nb”: *clicar; deletar; franchisar; printar; scanar; scanear; sprintar; surfar*
- “ter Nb”: *flartar; speedar*;

2. por outro lado, alguns destes verbos podem ainda ser considerados como formados através da RFP INSTRUMENTAL, por terem na sua base um nome de instrumento. Este tipo de verbos é parafraseável por “usar Nb”.

Alguns exemplos:

- “usar Nb”: *faxar; scanerizar; sticar*.

É importante chamar a atenção para o facto de que estes verbos, embora tenham na sua base um nome de instrumento e, como tal, sejam passíveis de serem analisados como instrumentais, podem ser também analisados como formados por uma RFP de mudança de estado, aliás à semelhança do que se passa com muitos verbos instrumentais de que dispomos em português. Por exemplo, numa frase como *O funcionário agrafou todos os documentos*, o verbo *agrafar* pode ser considerado como de mudança de estado, assim como instrumental, dependendo da focalização que fizermos. Se o nosso enfoque for sobre o sujeito/agente – o funcionário –, então

estaremos perante um verbo instrumental; contudo, se o fizermos relativamente ao objecto directo/tema, o mesmo verbo terá de ser analisado como de mudança de estado, uma vez que os documentos passaram por essa transformação. Uma análise idêntica pode ser feita relativamente a *faxar*, *scanerizar* [um documento] e, nalgumas situações, a *sticar*.

4. Usos dos neologismos verbais

Ao contrário das formas nominais importadas e, particularmente, daquelas que estão na base dos verbos que temos vindo a analisar, tenho a percepção de que o falante não recorre aos neologismos verbais de forma muito frequente ou, quando isso acontece, fá-lo em contextos muito precisos.

Quanto à actualização que é feita dos verbos que tenho vindo a analisar, há algumas situações que podemos constatar.

1. Substituição do neologismo verbal por outro verbo disponível em português

É o que acontece com o verbo *deletar*, considerado uma palavra a evitar pelo DHLP, o qual recomenda a substituição por *apagar*, *suprimir*, *remover*, *eliminar*. O mesmo tipo de substituição ocorre com *atachar* e *anexar*, assim como com *printar* e *imprimir*. Penso que verbos como estes já tiveram maior vitalidade, sobretudo quando os menus dos computadores estavam disponíveis apenas em inglês, tendo-se criado o hábito de referenciar as acções com as designações que estavam disponíveis.

2. Convivência do neologismo verbal e de uma perífrase formada por um verbo-suporte + Nb

Neste caso, temos de considerar algumas situações:

2.1. o neologismo e a perífrase equivalem-se em termos de significação referencial e, portanto, o uso de um é igual ao da outra. Um dos exemplos possíveis, entre outros, é o verbo *crashar* e a perífrase *ter um crash*. Em termos referenciais, parece-me equivalente afirmar *O computador crashou* e *O computador teve um crash*.

2.2. o neologismo e a perífrase não têm equivalência em termos referenciais.

Por exemplo, *deletar* e *fazer delete*, assim como *printar* e *fazer print* não significam exactamente a mesma coisa, embora possam ter o mesmo efeito final: no primeiro caso, a eliminação de algo, e, no segundo, a impressão. Contudo, em termos processuais, quando alguém diz para outrem *agora faz delete* ou *faz print*, aquilo que lhe está a pedir, de uma forma literal, é que clique no menu ou na tecla que tem a indicação *delete* ou *print*, à semelhança do que se passa na expressão *fazer enter*, ou *fazer insert*;

2.3. no caso dos verbos em que há apenas uma formatação no português, o falante só dispõe dessa forma de utilização, uma vez que não tem na língua de recepção um nome com o qual possa construir uma perífrase. É o que se verifica, por exemplo, com

assemblar, haquear, checar (não se dirá *fazer o check de alguma coisa*; em última instância poderá dizer *fazer o check-in* ou *um chep-up*).

3. O nome de base surge como complemento directo de outro verbo

Como o objecto directo é incorporado no novo verbo, em determinados contextos semântico-sintácticos a utilização deste torna-se complicada. Estou a pensar concretamente nos verbos *e-mailar* e *faxar*. Numa frase como *Hoje e-mailei três documentos aos meus alunos*, o verbo é aceitável; contudo, se eu não actualizar este verbo com 3 argumentos, a frase torna-se bastante duvidosa – *Hoje e-mailei três alunos*. Nestas situações, parece-me que teremos de recorrer à utilização de outro verbo, passando o Nb a funcionar como complemento directo deste: *Hoje enviei um e-mail a três alunos*.

Creio que, em termos de uso, o falante dirá mais facilmente *enviar um e-mail* ou *um fax* a alguém do que *e-mailar* ou *faxar* alguém.

5. Os neologismos verbais no quadro de formação de verbos em português

Como pudemos constatar, a esmagadora maioria dos casos apresentados trata-se de verbos formados sem a adunção de qualquer elemento de tipo afixal. Ao radical nominal pospõe-se a vogal temática *-a-* e as desinências flexionais. Ora, como já referi anteriormente, este processo é, actualmente, o mais produtivo na nossa língua.

Os novos verbos seguem de perto, em todos os aspectos, aqueles que no português apresentam o mesmo esquema genolexical. No fundo, a grande diferença é a de que, nos casos aqui apresentados, o falante *ainda* reconhece as formas de base como radicais estrangeiros. Contudo, em termos de formação, estes são reanalisados como radicais nominais típicos do português, disponíveis para a construção de novas unidades verbais.

Relativamente à estrutura semântico-argumental prevista por este tipo de verbos, parece evidente que eles pressupõem as mesmas estruturas que um verbo *normal*, digamos assim, do português. Desta forma, temos verbos de um, dois ou três argumentos, podendo estes serem ou não preenchidos.

No que à classificação semântico-categorial diz respeito, os neologismos verbais com base de importação não fogem àquela que os verbos formados pelo mesmo esquema genolexical prevêem. Contudo, verifica-se que o domínio nas novas unidades é o de verbos causativos, pela natureza das bases implicadas no processo de formação, que denotam, sobretudo, nomes de acção. Sendo verbos causativos, a RFP que preside à constituição destes verbos é a de MUDANÇA, como se verifica também com a maior parte dos verbos denominais do português.

Parece-me, portanto, que os verbos com base em neologia de importação de que dispomos actualmente na nossa língua se enquadram, sem qualquer problema, no paradigma verbal do português. Acresce, ainda, o facto de esta integração pressupor também potencialidades e limitações que outros verbos disponíveis no nosso léxico têm.

Um desses casos é, por exemplo, a preferência pela utilização de outras formulações, com a mesma significação da forma verbal, em detrimento desta. Mesmo com verbos de

base portuguesa, é frequente o falante substituir a forma verbal por uma paráfrase com o mesmo sentido, onde o nome que surgiria na base do verbo aparece como complemento de outro. Por exemplo, semanticamente, *buzinar* e *campainhar* são verbos muito próximos, ambos parafraseáveis por “premir/tocar em Nb”; acresce a este o facto de ambos estarem disponíveis em português e, inclusivamente, dicionarizados. Contudo, enquanto o primeiro é frequentemente utilizado, julgo que o segundo o será raras vezes, preferindo o falante a perífrase “tocar à campainha”. Análise semelhante poderá ser feita com os nomes *agrafo* e *clipe* e os verbos a que podem dar origem: *agrafar* e *clipar*. Toda a gente dirá, por exemplo, *acabei de agrafer três documentos*, mas não *acabei de clipar três documentos*, embora os verbos passem pelo mesmo processo de formação e tenham na sua base nomes bastante próximos em termos semântico-referenciais.

6. Considerações finais

Apesar de a língua portuguesa dispor de mecanismos que permitem formações como as que foram analisadas, ela, enquanto organismo vivo que é – e, portanto, receptível e permeável a muitas inovações –, poderá aceitá-las, como, aliás já fez com algumas, de que *clicar* é um exemplo, mas também rejeitá-las, uma vez que, em muitas situações, já dispõe de outras formulações para designar a mesma ideia. No caso da formação de novos verbos a partir de bases importadas, parece-me que a tendência de usos é o recurso a outras estruturas que designem a mesma acção. Assim, será a própria língua a seleccionar e integrar apenas aqueles elementos que, efectivamente, têm lugar dentro do seu sistema.

Referências Bibliográficas

- ARONOFF, Mark (1980) Contextuals. *Language*, vol. 56, n.º 4, pp. 744-758.
- ARONOFF, Mark (1985) *Word Formation in Generative Grammar*. Third printing. Cambridge, Massachusetts, and London, England: The MIT Press.
- BASÍLIO, Margarida (1980) *Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Editora Vozes, Ltda.
- BASÍLIO, Margarida (1993) Verbos em -a(r) em português: afixação ou conversão? *DELTA*, vol. 9.2, pp. 295-304.
- BASÍLIO, Margarida e Helena Martins (1996) Verbos denominais no português falado. In Ingedore G. Villaça Koch (org.) *Gramática do português falado*, vol. VI *Desenvolvimentos*. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, pp. 371-391.
- CLARK, E. V. & H. H. Clarck (1979) When Nouns Surface as Verbs. *Language*, vol. 55, n.º 4, pp. 767-811.
- COELHO, Carla Cristina Almeida (2003) *Formação de verbos em -ar em português*. Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- CUNHA, Celso e Luís F. Lindley Cintra (1992) *Nova gramática do português contemporâneo*. 9ª edição. Lisboa: Edições João Sá da Costa.

- FREITAS, Tiago, Maria Celeste Ramilo e Elisabete Soalheiro (2003) O processo de integração dos estrangeirismos no português europeu. *Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 371-385.
- GRÁCIA I SOLÉ, Lluïsa (1995) *Morfologia lexica. L'herència de l'estructura argumental*. València: Universitat de València.
- HOUAISS, António e Mauro de Salles Villar (2002-2003) *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores, 6 volumes.
- HUNDI, Christine (1994) Construções de verbo + substantivo: estrutura, semântica e posição dentro da fraseologia. *Verbo e estruturas frásicas. Actas do IV Colóquio Internacional de Linguística Hispânica. Revista da Faculdade de Letras – Linguas e Literaturas*. Anexo VI. Porto, pp. 267-275.
- MATEUS, Maria Helena Mira, Ana Maria Brito, Inês Duarte, Isabel Hub Faria et alii (2003) *Gramática da língua portuguesa*. 5ª edição, revista e aumentada. Colec. «Universitária», série LINGÜÍSTICA. Lisboa: Editorial Caminho.
- PENA, Jesús (1980) La derivación en español. Verbos derivados y sustantivos verbales. *Verba*, anexo 16. Santiago: Universidade de Santiago de Compostela.
- PENA, Jesús (1993) La formación de verbos en español: la sufijación verbal. In Soledad Varela (ed.) *La formación de palabras*. Madrid: Taurus Ediciones, pp. 217-281.
- PENSADO, M. Carmen (1999) Morfología y fonología. Fenómenos morfofonológicos. In Ignacio Bosque y Violeta Demonte (dirigida por) *Gramática descriptiva de la lengua española*. Vol. 3: Entre la oración y el discurso/Morfología. Madrid: Real Academia Española/ Espasa Calpe, S.A., capítulo 68, p. 4423-4504.
- RIO-TORTO, Graça Maria (1993) *Formação de palavras em português. Aspectos da construção de avaliativos*. Dissertação de Doutoramento em Linguística Portuguesa, Universidade de Coimbra.
- RIO-TORTO, Graça Maria (1994) Formação de verbos em português: parassíntese, circunfixação e/ou derivação? *Actas do IX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Edições Colibri, p. 351-362.
- RIO-TORTO, Graça Maria (1998a) *Morfologia derivacional. Teoria e aplicação ao português*. Col. «Linguística». Porto: Porto Editora.
- RIO-TORTO, Graça Maria (1998b) Padrões de formação de verbos em português. *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XXII, Coimbra, pp. 293-327.
- SANDMANN, António José (1989) *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor/Editora Ícone.
- SCALISE, Sérgio (1983) *Morfologia lessicale*. Padova: Clesp Editrice, pp. 202-208.
- SERRANO-DOLADER, David (1999) La derivación verbal y la parasíntesis. In Ignacio Bosque y Violeta Demonte (dirigida por) *Gramática descriptiva de la lengua española*. Vol. 3: «Entre la oración y el discurso/Morfología». Madrid: Real Academia Española/ Espasa Calpe, S.A., capítulo 72, p. 4683-4755.
- VILLALVA, Alina (1995) Configurações não binárias em morfologia. *Actas do X Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, p. 583-597.
- VILLALVA, Alina (2000) *Estruturas morfológicas. Unidades e hierarquias nas palavras do português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia.